

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: Journal do TardeClass.: NarcóticosData: 04/09/81Pg.: 11**Os índios,
fabricando coca
para
sobreviver.**

Até bem pouco tempo, os índios Maku e Tukano, do alto rio Negro, consideravam o epadu uma planta sagrada, utilizada apenas nos seus rituais religiosos. Agora, induzidos por traficantes colombianos, esses índios estão cultivando em larga escala o epadu (a planta de coca, que existe na região em estado nativo) e passaram a produzir também a pasta de coca, vendendo os dois produtos como meio de sobrevivência — uma vez que recebem pouca ajuda da Funai e são parcamente assistidos pelas missões salesianas.

A Polícia Federal do Amazonas tem informações seguras sobre essas atividades dos índios, e não chegou a surpreender-se com a denúncia da Adea — Agência Americana Contra Drogas — de que o Amazonas é hoje um grande produtor e exportador de cocaína em pó.

O que surpreendeu a Polícia Federal foi a descoberta da existência do epadu em grande quantidade, em estado nativo, no rio Negro e em várias regiões do Estado, que era cultivada pelos índios sem qualquer fim lucrativo. Foi ao descobrir isso que os traficantes colombianos (e possivelmente até brasileiros e bolivianos) passaram a induzir os indígenas a cultivar a planta e vender as folhas secas, que são transformadas em pasta. Os índios, por sua vez, perceberam o interesse e decidiram lucrar mais, embora nem sempre recebam dinheiro dos colombianos. Eles preferem rádios de pilha, armas e munições para caça, artigos de pesca, porque o dinheiro para eles não vale nada. Com isso,

os traficantes levam grande vantagem, porque obtêm grandes lucros.

O superintendente da Polícia Federal, Ivo Americano, não culpa os maku e os tukanos, que "por não receberem ajuda dos organismos nacionais para sobreviverem, dependem hoje quase exclusivamente dessas transações com os traficantes. Eles já assimilaram a técnica de fazer a pasta de coca, para vendê-la a preços que variam de 20 a 50 mil cruzeiros o quilo."

A área onde foram descobertos grandes roçados de epadu fica na região conhecida como "Boca do Cachorro", entre os rios Içana e Tiquié, separados pelo rio Papuri. É nessa área, com cerca de 200 quilômetros quadrados, de difícil acesso por terra e por água, que os índios devem estar fabricando a pasta, segundo deduções da polícia: "Os traficantes financiam o plantio e ensinam a fazer a pasta, mas não entram no Brasil, são espertos demais para isso", diz Ivo Americano.

A Polícia Federal descobriu também, pelas últimas apreensões feitas em Manaus, que os traficantes não estão mais transformando a coca em cloridrato, e sim negociando apenas o pó do epadu, ou seja, as folhas secas rusticamente trituradas e peneiradas. "É uma saída, uma inovação no mercado de drogas", observa o superintendente. "Mas não acredito que os traficantes estejam instalados em território brasileiro."

Em Manaus, a Funai insiste em negar que os Maku e Tukanos estejam plantando epadu com fins lucrativos, mas reconhece a necessidade de impedir que os traficantes os induzam a abandonar suas roças para cultivar a planta — o que poderia provocar graves transformações culturais, por se tratar de uma planta sagrada. O projeto agrícola proposto pela Funai para compensar os prejuízos financeiros dos índios com a proibição do plantio de epadu ainda não chegou aos Maku e Tukano, embora esteja sendo executado por outras tribos da região.